

UNIVERSIDADE BRASIL
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA DINÂMICA ESCOLAR PARA
ALUNOS TDAH

Autores: Alex Sandro Tomazini/Eugledes Rodrigues Costa

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH é pouco conhecido pelos educadores, acreditava-se que a hiperatividade e desatenção eram por falta de disciplina ou incapacidade dos alunos. Ao aprofundar nas leituras percebemos que estas dificuldades vão muito além. O TDAH é um transtorno neurobiológico de causas genéticas que aparece na infância e acompanha o indivíduo por toda sua vida. Apresenta alterações na região frontal do cérebro, responsável por inibir ou controlar comportamentos que dificultam a capacidade de prestar atenção, de ter autocontrole, e de se organizar e planejar. Os métodos didáticos para alunos TDAH estão relacionados a estratégias pedagógicas para melhorar atenção, memória, tempo, processamento de informações, organização, técnicas de estudo, de aprendizado e habilidades metacognitivas, inibição e autocontrole. O objetivo deste trabalho é entender as dificuldades do TDAH e utilizar estratégias que proporcionem melhores condições de aprendizagem, de socialização e relação entre professor e aluno.

Palavras chave: Aprendizagem. Déficit de atenção. Hiperatividade. Transtorno.

INTRODUÇÃO

Desde o século XVIII o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, ou TDAH é uma condição clínica que vem sendo discutida e registrada ao longo do tempo por especialistas da área médica. Esta nomenclatura sofreu algumas alterações: na década de 40 era chamada “Lesão Cerebral Mínima”; em 1962, “Disfunção Cerebral Mínima” e atualmente “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, ou simplesmente, TDAH”. Essas alterações ocorreram devido ao fato de não haverem evidências objetivas que constatassem lesões cerebrais.

Segundo a ABDA (2009 – Associação Brasileira do Déficit de Atenção) o TDAH é um transtorno neurobiológico de causas genéticas, que frequentemente acompanha o indivíduo desde a infância por toda a sua vida. É caracterizado por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Atualmente sabe-se que este transtorno não é uma consequência de lesão no cérebro. Apesar dos avanços trazidos pelas pesquisas, ainda existem dúvidas e controvérsias a respeito do TDAH, quanto às reações de impulsividade e desatenção devido ao desconhecimento dos educadores sobre o assunto.

Através de muitas pesquisas feitas por médicos americanos, notou-se que muitas crianças sem sinais de traumas físicos apresentavam lesões cerebrais por manifestarem os referidos sintomas comportamentais. Devido à falta de evidências que constatassem de forma objetiva a presença de lesão cerebral, o termo foi mudado para “disfunção cerebral mínima”.

A criança TDAH é inteligente e criativa, mas para que ela possa desenvolver suas habilidades é necessário que o professor utilize de ferramentas apropriadas para cada caso. Para melhor entender esse transtorno esta pesquisa foi dividida em três capítulos que tratam respectivamente sobre a origem do transtorno, o funcionamento do cérebro e as estratégias para desenvolver a aprendizagem em sala de aula.

Este artigo promove o conhecimento sobre o transtorno, fatores externos e internos do aluno, suas características e dificuldades, tendo como principal objetivo a transformação do professor e de sua didática. Pois, se o mesmo for capaz de adaptar suas aulas para atingir este aluno conforme as sugestões fornecidas, ele não só conseguirá êxito com esta criança, mas também com a classe inteira, pois estas estratégias conseguem envolver a todos no processo de aprendizagem.

OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo abordar conceitos, características e critérios de diagnóstico do TDAH, ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, demonstrando a possibilidade do aluno que apresenta este transtorno de poder relacionar-se com a sociedade e desenvolver o potencial para aprender. Além disso, levar este conhecimento ao maior número de profissionais envolvidos na educação, permitir o conhecimento de estratégias usadas para atrair a atenção e conter os impulsos dos alunos com este transtorno.

METODOLOGIA

A partir de textos de autores como Silva, Peres, Gómez e Téran podemos iniciar um trabalho de pesquisa para entender como se deve atuar em sala de aula para obter resultados satisfatórios com esses alunos. As leituras sobre a origem deste transtorno, sobre o funcionamento do cérebro de um TDAH, as dificuldades de aprendizagem em sala de aula, a importância da afetividade da família e as estratégias que o educador deve utilizar para se trabalhar em sala de aula, me motivaram não somente a entender as causas e as dificuldades que este transtorno causa, mas também a necessidade do professor em ser um constante pesquisador para que possa atuar profissionalmente de forma correta conforme as necessidades de seus alunos.

DESENVOLVIMENTO

Uma criança com dificuldades de aprendizagem pode ter todas as bases intelectuais necessárias e apropriadas para o seu processo de aprendizagem, no entanto não consegue absorver a informação dos métodos utilizados em sala de aula para os alunos que conseguem aprender.

Os problemas de aprendizagem se referem ao baixo rendimento na área acadêmica, aquém do esperado, e são geralmente manifestados em aspectos que se referem à leitura, escrita e cálculo. Não são resultados de falta de capacidade intelectual, privação cultural, ausência às aulas, problemas emocionais ou instrução inadequada. As condições citadas podem ser desencadeadas ou acompanhadas das dificuldades de aprendizagem, podendo agravá-las, mas nem sempre são a razão principal.

Segundo Pain (1983, p. 15), não há um fator determinante para o surgimento dessas dificuldades, e os sintomas devem ser entendidos como um estado particular, que, para equilibrar-se precisou adotar um comportamento no qual mereceria um nome que caracterizamos como “não-aprendizagem”.

Estas dificuldades não desaparecem por si só, necessitam o quanto antes de uma intervenção de suporte familiar, escolar e clínico, para que possa aprender a conduzir melhor sua dificuldade em aprender.

“Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, mas entra numa variedade peculiar de comportamentos nos que se destaca como sinal de descompensação”. “Nenhum fator é determinante do seu surgimento e ele

aparece da fratura contemporânea de uma série de concomitantes.” “o sintoma deve ser entendido como um estado particular de um sistema que, para equilibrar-se precisou adotar esse tipo de comportamento que mereceria um nome positivo, mas que caracterizamos como não-aprendizagem. Assim, pois, a aprendizagem não constitui o contrário de aprender, já que como sintomas cumprindo uma função positiva tão integradora como a primeira, porém, com outra disposição dos fatores que intervêm”. (Segundo Sara Pain, 1983 apud TERÁN e GÓMEZ, 2014, p.94)

Há vários fatores que influenciam para um baixo rendimento escolar, que podem ser tanto internos quanto externos ao aluno com déficit de aprendizagem. Podemos relacionar as condições internas com os aspectos neurobióticos ou orgânicos, referentes ao sistema nervoso central (SNC) e ao psíquico que por muitas vezes influencia o baixo rendimento escolar de forma implícita. Já as condições externas podem ser entendidas como aspectos sociais referentes “ao ambiente e como se aprende”.

"A problemática da aprendizagem é uma realidade alienante e imobilizadora que pode apresentar-se tanto individual quanto coletivamente. Em sua produção, intervêm fatores que dizem respeito ao socioeconômico, ao educacional, ao emocional, ao intelectual, ao orgânico e ao corporal. Portanto, para sua terapêutica e prevenção, impõe-se o encontro entre diferentes áreas de especialização: psicopedagogia, psicologia, psicanálise, pedagogia, pediatria, sociologia, etc." (FERNANDEZ, 2001, p. 26).

Para um bom desenvolvimento escolar é necessário que se tenha qualidade de vida, um corpo e mente saudável para que em concordância ambos possam atuar benéficamente no funcionamento dos órgãos que estão envolvidos na recepção dos estímulos assegurando a coordenação com o sistema nervoso central.

Dentre as causas que podem desencadear o déficit de aprendizagem estão: causas genéticas, de hereditariedade, substâncias ingerida na gravidez, sofrimento fetal, exposição ao chumbo, problemas familiares. O fator emocional contribui demasiadamente na aprendizagem, tanto de forma positiva quanto negativa dependendo da maneira como é tratada. O fator emocional não está inserido apenas na estrutura familiar, mas também está inserido no ambiente escolar.

No ambiente escolar a responsabilidade do ensino/aprendizagem é do professor e do aluno. Mas quem ensina deve oferecer o subsídio necessário para o aprendizado, não oferecendo o conhecimento de forma direta, mas sim intervindo para que o próprio sujeito consiga buscar o conhecimento gradativamente com seu próprio esforço. O professor em sua docência deve fazer com que o aluno se organize e reflita construindo seu próprio saber de forma crítica, através de diálogos e intervenções.

O Transtorno de Déficit de Atenção pode vir acompanhado ou não de hiperatividade, sendo uma doença que a cada dia vem sendo mais sub-diagnosticada, ou seja, ainda não está sendo diagnosticada como deveria.

Este transtorno começa a aparecer na infância, atravessando a adolescência e irá permanecer em grande parte na fase adulta. Os principais sintomas são a desatenção e a agitação psicomotora, ou seja, a famosa “hiperatividade”.

Os diagnósticos só podem ser feitos a partir dos cinco anos de idade, pois existem critérios que são subjetivos porém clássicos. Uma forma de reconhecimento de crianças com estes transtornos é a observação, onde os sintomas aparecem quando elas que não conseguem parar quietas, falam excessivamente, não costumam sentar-se nas carteiras e cadeiras na sala de aula, não param na mesa de jantar, são impulsivas e se intrometem em uma conversa, são desorganizadas, esquecem com facilidade o que haviam conversado em um prazo de cinco minutos, não terminam os deveres escolares, perdem os objetos, entre outros.

Levando-se em consideração que o transtorno do déficit de atenção, a nosso ver, é muito mais um tipo de funcionamento cerebral diferente do que propriamente uma doença, estamos diante de uma problemática bastante pertinente e, ao mesmo tempo, desafiadora, que é a delimitação da fronteira diagnóstica entre o dito normal e o dito TDAH. Que criatura neste mundo não se viu envoltos em atos desatentos, impulsivos ou mesmo hiperativos? Com certeza o mundo não é TDAH! As diferenças são sutis como as variações que se encontram nos diversos tons de uma mesma cor, ou mesmo na intensidade da luz na transição do final da tarde e início da noite. Mas uma coisa é certa: o funcionamento mental TDAH existe e suas sutis diferenças são, muitas vezes, responsáveis por seus grandes talentos e/ou por suas grandes limitações na vida cotidiana. (SILVA, 2009, p.223)

Reconhecer estes critérios para identificar o transtorno não é uma tarefa tão simples, é um desafio muito grande para a psiquiatria e psicologia, uma vez que não se pode identificar apenas com um teste ou exame específico.

Mesmo com exames computadorizados, terapias genéticas e ciências que estudam o comportamento e o cérebro, uma das melhores ferramentas ainda continua sendo a anamnese que consiste no detalhamento de uma conversa sobre a história de vida de uma pessoa desde a gestação aos dias atuais.

Sendo assim, deve-se analisar a vida desta criança sob diversos ângulos de sua existência: familiar, escolar, profissional, social e afetiva. Essa visão global é que irá propiciar a melhor linha de tratamento, pois quem tem este transtorno necessita mais do

que um simples ajuste no comportamento, é preciso inserir esta criança em um tratamento.

Silva (2009, p. 67) descreve algumas etapas fundamentais no processo de diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade:

1ª Etapa: Procurar um médico especializado no assunto para que você possa expor suas ideias sobre a possibilidade de possuir esse tipo de funcionamento comportamental.

2ª Etapa: Relatar para ele suas dificuldades e desconfortos nas áreas acadêmica, profissional, afetivo-familiar e social, citando exemplos situacionais claros.

3ª Etapa: Verificar se esses problemas o acompanham desde a infância.

4ª Etapa: Certificar-se de que suas alterações se apresentam em um grau (intensidade) significativamente maior quando comparado à outras pessoas de seu convívio, que se encontram na mesma faixa etária e em condições socioculturais semelhantes.

5ª Etapa: Eliminar a presença de qualquer outra situação médica ou não médica que seja capaz de explicar as alterações apresentadas no seu comportamento, bem como os transtornos que elas lhe causam no dia a dia.

É essencial que a escola, professor e a família busquem em conjunto o auxílio de um profissional habilitado, para que possa haver um diagnóstico preciso, podendo assim atuar de maneira eficaz na resolução do problema de aprendizagem.

O papel do professor na educação envolve uma significativa participação no processo de diagnóstico, observando diariamente a criança em diversas situações, no estudo, na hora de lazer, individualmente e na interação com outras crianças.

Para o professor, pode ser que esta tarefa de observação seja mais fácil, devido à grande demanda de alunos, sendo assim, há uma distinção de comportamentos esperados e atípicos, notando se facilmente algo diferenciado entre elas. O professor deve estudar sobre o transtorno e conhecer sua patologia, prestar atenção no comportamento, nas alterações bem como anotar suas atividades para que possa informar ao médico de forma precisa detalhes sobre o seu comportamento e o que parece ser incomum.

Crianças diagnosticadas podem fazer um tratamento focado onde suas dificuldades e problemas sejam trabalhados e sua autoestima realçada ao alimentar suas qualidades, sempre lembrando que os limites devem ser respeitados. Afinal, estas crianças só necessitam ser conduzidas de forma adequada, pois são inteligentes, criativas, curiosas, sensíveis, atrevidas, com muita energia e espontaneidade.

Peres (2014, p. 18) descreve que é necessário que haja harmonia entre os pedagogos e os colégios de maneira preventiva e organizem “Escola de Pais” para que ponham desde pequenas normas e limites aos seus filhos, trabalhando de maneira preventiva desde a Educação Infantil.

{...} os professores – que até agora classificavam de “vândalos” estas crianças – devem informar-se mais para compreender melhor as crianças com este transtorno e precisam dispor por mais tempo para as provas, deixar sair da sala de aula mais vezes, não colocar estes alunos ao final da sala e nunca discriminar os outros, os “diferentes”, porque, ao final de tudo, a escola deve ser um lugar para aprender a conviver, a aprender, a viver e, principalmente, a ser. (PERES, 2014, p.68)

É importante que o professor tenha a sensibilidade de entender que esse transtorno não afeta somente o comportamento do aluno, como também prejudica a capacidade de aprender, assim o professor deve adaptar e favorecer o máximo de aprendizado a este aluno.

Os professores tem a difícil missão de redobrar seu empenho em monitorar, organizar, ensinar, estruturar, planejar, guiar e recompensar o aluno colocando sempre regras e limites de forma objetiva. A criança TDAH necessita de muito apoio, amor, aceitação e compreensão, pois geralmente gosta de chamar atenção de forma desastrosa, inadequada e pouco amável. O papel do professor não está intrinsecamente ligado ao ensino/aprendizagem, mas no desenvolvimento e inserção deste aluno na sociedade.

“É certo que, muitas vezes, o “fracasso escolar” pode intervir como fator desencadeante de um “problema de aprendizagem” que, de outro modo não teria aparecido. Essa situação, que torna mais complexo e difícil o diagnóstico, exige uma maior responsabilidade e precisão teórica por parte da psicopedagogia”. (FERNANDEZ, 2001, p.25).

Para que haja êxito na problemática de aprendizagem do TDAH é necessário que pais, professores e a escola tenha conhecimento, atitudes positivas e norteadoras, organização das rotinas e apoio afetivo, porque este aluno é um candidato ao fracasso escolar devido às suas dificuldades e comportamentos turbulentos fugindo às regras e ao que se consideram as virtudes comuns de um bom aluno.

Os alunos diagnosticados com TDAH ou problemas atencionais têm dificuldades para se organizar e estruturar-se. Neste momento o professor deve estar sempre bem informado quanto às dificuldades e transtornos, para poder saber lidar com esta

problemática, sendo necessário que o ambiente seja ordenado, com normas e limites muito claros.

As aulas devem ser divididas em períodos definidos, cada atividade proposta deve estar bem detalhada, permitindo que o aluno visualize de forma clara e objetiva as diferentes aulas que estão sendo propostas. É importante que esses períodos que foram definidos fiquem dispostos em forma de cronograma para que o aluno tenha acesso ao que irá acontecer ao longo do dia.

Deve-se ter em mente que tanto as atividades quanto os trabalhos devem ser dados tanto na forma escrita quanto verbal, além de fazer a criança repetir verbalmente o que deve ser feito para que a mesma possa interiorizar a comanda. As mesmas precisam de reforço a todo instante, instruções para que saibam o que esperamos delas, pois de acordo com Gómez e Terán esse procedimento traz segurança para os TDAH.

O professor tem de ter a responsabilidade de cumprir sempre com os horários pré-estabelecidos, pois algumas destas crianças têm dificuldades de lidar com imprevistos, por isso é importante trabalhar situações que envolvam postergação de algo que desejem muito, pois as mesmas não são tolerantes a frustrações.

É necessário o contato visual entre o professor e o aluno, pois através do olhar que se estabelece uma conexão com o aluno fazendo com que ele entenda que deve se conectar com a aula ao notar que seu pensamento está vagando por outros lugares, outras coisas. Uma das formas de apresentação de um trabalho é ser dividido em etapas, pois segundo as referidas autoras, se forem apresentados trabalhos longos e complicados, os alunos podem se sentir frustrados antes de começarem, e com a ideia de que não são capazes de realizar este trabalho.

É imprescindível que o professor mantenha uma linha de pensamento em sua aula, para que os alunos não se percam, e para que isso aconteça deve se trabalhar com material de apoio e visual concretos. Quanto mais motivadora for a aula, mais o aluno se concentrará.

Uma aula atraente deve ser sempre iniciada como uma história, estabelecendo relação com o tema que será trabalhado, desta maneira conseguiremos captar a atenção do aluno para começarmos a introduzir o tema.

Deve-se repensar em caso de trabalhos para casa, evitando que sejam longos e entediantes, uma vez que as dificuldades de atenção fazem com que os TDAH se cansem com facilidade, e além disso, levam mais tempo do que os demais colegas para realizarem seus deveres.

As autoras reforçam que a avaliação não deve ser realizada com frequência, e com limite de tempo, sendo necessárias estratégias novas, modelos de prova atraentes e criativos, estimulando e reforçando a atenção deste aluno.

As crianças TDAH tem dificuldades em interpretar regras sociais devido sua falta de atenção, e por isso se faz necessário ajuda-las a se auto-observar, perguntando a elas o que estão fazendo e como se sentem quando não conseguem realizar as tarefas como os demais colegas.

É importante que a relação familiar seja tranquila, que todos compreendam que essa criança TDAH tem problemas comportamentais que devem ser corrigidos, porém, deve ser evitada recriminação, punição, críticas e comentários negativos. Pois de acordo com as autoras referidas, ao contrario do que se pensa “ser firme não é ser cruel nem mau, exigir o cumprimento de certas regras não significa privá-la das suas liberdades”.

Ao repreendê-los deve-se evitar usar termos como, “você é um preguiçoso, você sempre faz coisas erradas, você nunca cumpre com suas responsabilidades”, entre outras. Há que se apontar os erros, porém usando termos mais adequados focalizando o momento como, por exemplo: você se portou mal na escola ao responder de forma errada ao professor, é mais apropriado do que dizer: você é um malcriado por responder mal ao professor.

Os responsáveis pela educação destas crianças devem entrar em comum acordo sobre normas e regras, mantendo um padrão de conduta para não criar confusão para a mesma. Para que essas crianças amadureçam, faz-se necessário levá-las a assumir responsabilidades, controlar impulsos, conhecer as consequências positivas e negativas de suas ações, e que as famílias os ajudem a estabelecer horários e atividades, já que os mesmos têm dificuldades de organização.

[...] Ao dizer “é” estamos dando a entender à criança que ela é assim, que esse é seu comportamento habitual. Por um lado estamos ajudando a fixar um comportamento e por outro estamos afetando sua autoestima, ambas negativamente. Por outro lado é importante referir-se às profecias autocumpridas. Refere-se a dizer algo que irá acontecer e de tanto falar, termina por acontecer. Refere-se, por exemplo, a dizer: você irá mal no exame porque não estudou o suficiente. A criança provavelmente irá mal no exame, independente do quanto tenha estudado. Muitas vezes, essas afirmações são utilizadas sem dar importância à carga negativa que têm e dos efeitos que podem produzir. (TERÁN e GÓMEZ, 2014, p.275)

O professor de educação básica deve ter a predisposição para criar um clima apropriado para iniciar o processo de aprendizagem, sendo necessário dispor de materiais

e estratégias que consigam reter a atenção deste aluno. Uma das medidas necessárias é trazer este aluno para um lugar preferencial, próximo do professor para que o mesmo possa atuar de maneira efetiva no controle de atenção e comportamento do mesmo.

A organização e repetição são importantes, pois estabelecem conexões cerebrais que permitem aos alunos treinarem a memorização mediante a repetição desenvolvendo a memória e as habilidades automática, subconsciente e inconsciente. A lei da repetição atua na criação de redes neurais estruturadas onde a recordação prepara a mente da mesma maneira que a prática física prepara o corpo.

GOLEMAN (2015, p. 75) afirma que o poder das emoções nas respostas direciona a conduta humana, é uma forma reguladora percebida na espécie desde a pré-história. As ações mediadas pela emoção, ao longo da evolução do Homo Sapiens, estão registradas no sistema nervoso. Por isso é importante ensinar a estes alunos maneiras positivas de comportamento criando um vínculo de afetividade, reforçando normas, sua volição e trabalhando a ludicidade.

A ocupação favorita e mais intensa da criança é o jogo. Acaso seja lícito afirmar que toda criança que joga se conduz como um poeta, criando um mundo próprio, ou mais exatamente, situando as coisas do seu mundo em uma nova ordem, do agrado dela. Seria injusto, neste caso, pensar que não toma a sério esse mundo: ao contrário, toma muito a sério seu jogo e dedica a ele grandes afetos. ((Segundo FREUD, 1986 apud Peres, 2014, p.79).

O professor que consegue incluir em sua didática e atividades formas lúdicas de trabalhar, consegue atingir muito mais rápido a este aluno, pois o mesmo se sentirá motivado e desafiado. Uma das maneiras de se trabalhar em sala de aula é utilizar-se de: jogos de memória, forca, caça-palavras, bingo, cartas, quebra cabeças, uso do computador na prática de ensino, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram abordados conteúdos e informações necessárias para entender o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade): o funcionamento do cérebro, os problemas de aprendizagem e como utilizar estratégias pedagógicas intervindo de forma adequada ao reconhecer as características deste transtorno em um aluno e encaminhá-lo para os profissionais responsáveis para diagnosticá-lo.

É necessário entender que os profissionais da educação e a escola que recebem um aluno já diagnosticado tem um grande desafio a ser superado, pois este e qualquer outro transtorno que dificultam a aprendizagem são problemas reais e que estão presentes na maioria das instituições escolares.

De acordo com as leituras realizadas, o professor e toda a equipe pedagógica devem saber diferenciar o TDAH de casos de indisciplina, e a formação do educador deve ser um processo sem fim.

Para que se possa trabalhar e ajudar essas crianças que necessitam de ajuda, é importante estar sempre atualizado, fazer especializações e ter um olhar diferenciado para se adaptar e promover condições de aprendizagem para este aluno, mas não de forma exclusiva, e sim inclusiva, para que o mesmo tenha as mesmas possibilidades que os demais alunos.

As estratégias utilizadas para se trabalhar com o TDAH são formas de inclusão, pois é importante que o aluno se sinta querido e aceito, para se esforçar e descobrir os melhores recursos próprios, mentais e emocionais que o levem a um melhor desempenho escolar e social. Esse estreitamento entre a relação do professor e aluno inibe tanto a agressividade como condutas que possam interferir no processo de ensino aprendizagem dos demais alunos.

Esta inclusão, consideração e tolerância com as dificuldades de aprendizagem refletem no bem estar do aluno, onde o mesmo consegue ter êxito e valores que lhe permite sentir-se valioso socialmente, aumentando sua autoestima, surtindo resultados satisfatórios em seu processo de desenvolvimento escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALIMAN, Luciana Vieira. Notas Sobre a História Oficial do Transtorno do Déficit de Atenção/ Hiperatividade TDAH. In: Psicologia Ciência e Profissão. 2010.

FOLQUITTO, Camila Tarif Ferreira. Dissertação de Desenvolvimento Psicológico e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). In: A Construção do Pensamento Operatório, 2009, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional – a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. São Paulo: Objetiva, 2015.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. Dificuldades de Aprendizagem, MMXIV ed. Brasil: Cultural,S.A.

JOSÉ, Elizabete da Assunção; Coelho, Maria Tereza. Distúrbios de comportamento. In: Problemas de Aprendizagem. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

PERES, Clarice. Estratégias em casa e na escola. In: TDAH da Teoria a Prática, 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

ROSA, Solange Aparecida da. Dificuldades de Atenção e Hiperatividade na Perspectiva Histórico-Cultural. In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011.

SCANDAR, Rubén Osvaldo. Conselhos Breves para professores do Ensino Básico. In: Inquietos, Distraídos, Diferentes. Argentina: Ediba, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentres Inquietas1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VICARI, Maria Isabel. Melhorando a Atenção e Controlando a Agitação, 2ª ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy Livraria e Editora Ltda, 2013.